



HISTÓRIA NO PAINT: O ENSINO DE HISTÓRIA A PARTIR DE MENES DE FACEBOOK

Thiago Acácio Raposo (1) Rafael Nóbrega Araújo (2) Iranilson Buriti de Oliveira (3)

(1) Universidade Estadual da Paraíba/ EEEF Senador Humberto Lucena, e-mail: thiagoraposo20@gmail.com;

(2) Universidade Estadual da Paraíba, e-mail: rafaelnobregaraujo@gmail.com (3) Universidade Federal de Campina Grande, e-mail: iburiti@yahoo.com.br (orientador).

Resumo: Esta comunicação propõe uma breve reflexão sobre os possíveis usos dos menes no ensino de história, dando destaque para a dinamização da transmissão do conhecimento. Partindo do pressuposto da ineficiência das práticas educativas tradicionais, perante o mundo digital e inquieto que caracterizam a Cybercultura, são apresentadas algumas possibilidades de ensino e avaliação a partir de recursos digitais. Baseando-se nas proposituras apresentadas por Marc Prensky, por Marco Antônio Silva e por algumas inquietações nascidas perante a prática docente, este artigo será desenvolvido.

Palavras-chave: História, Redes sociais, Menes, Educação, História Digital.

Introdução

Nos últimos anos, a educação em nível internacional tem passado por uma série de transformações no que diz respeito a forma de transmissão dos conteúdos. Os jovens estão cobrando, cada vez mais, uma renovação metodológica por parte dos professores. Eles não suportam ficar trancados em uma sala, com outros tantos jovens, aonde o professor transmite o conhecimento de modo “arcaico” ou, sendo mais claro, através da velha aula expositiva e dialogada, inexistindo qualquer usufruto de algum material tecnológico e da participação ativa/criativa deles. Para Silva (2012):

A ampliação e a popularização da internet e de outras tecnologias de comunicação ampliaram a aproximação entre as pessoas e trouxeram novos comportamentos fortemente marcados por essas tecnologias digitais [...] o uso das tecnologias modificou e criou novos hábitos e comportamentos em nosso cotidiano (p. 84-85)

Como ensinar a jovens do século XXI utilizando práticas dos séculos XIX e XX? Como essa aula pode se tornar atrativa? Será que apenas o livro basta para expor determinado conteúdo? De que maneira *imigrantes digitais* podem educar *nativos digitais*?

Os conceitos citados acima podem deixar em evidência o seu significado através da própria epistemologia da palavra. De acordo com Marc Prensky (2001) – figura central nos estudos sobre educação, jogos digitais e mídias digitais – *imigrante digital* é aquele que não nasceu na era tecnológica, migrando para esta durante a sua adolescência ou fase adulta e que deixa em evidência certo sotaque¹. Já o *nativo* nasceu na era da velocidade da comunicação,

¹ O sotaque tecnológico é semelhante aquele apresentado por alguém que muda de país ou região. Sua marca linguística e cultural está ali, visível nas falas e nos atos. No âmbito tecnológico, ele aparece em situações cotidianas nos usos dessas ferramentas. Exemplo: o imigrante, ao navegar em certa rede social, encontrou uma foto engraçada e no lugar de compartilhar o link, saiu mostrando a foto pelo visor de seu celular; outra situação contato@coprecis.com.br



sendo capaz de naturalizar os equipamentos eletrônicos como algo indispensável, possuindo um ritmo de vida muito mais acelerado.

Os alunos de hoje – do maternal à faculdade – representam as primeiras gerações que cresceram com esta nova tecnologia. Eles passaram a vida inteira cercados e usando computadores, videogames, tocadores de música digital, câmeras de vídeo, telefones celulares e todos os outros brinquedos e ferramentas da era digital (Prensky, 2001, p. 1, tradução nossa).

Para Zygmunt Bauman (2011), em seu livro *44 cartas do mundo líquido moderno*, a vida em rede é prejudicial para as relações sociais. Todavia, Prensky (2010) afirma que as tecnologias contribuem para o desenvolvimento cerebral daqueles que fazem uso deste tipo de material. Os jogos, por exemplo, desenvolvem as habilidades individuais e coletivas, por exigirem concentração, estratégia, controle de materiais disponíveis, habilidade, entre outros. Desse modo, o autor pensa nos jogos como aliados importantíssimos para o ensino e a aprendizagem dos jovens do século XXI, pois estes dinamizam a forma como o conhecimento é transmitido.

No caso da disciplina História, as pesquisas que relacionam este saber com a internet ainda são muito tímidas. Mas, qual seria o motivo para isto? Cremos que o pouco desenvolvimento desses estudos se dá pelo tradicionalismo acadêmico, que resiste em estudar estas novas fontes de produção e disseminação do saber histórico. A ânsia pelo documento físico ainda é muito grande, suplantando os documentos digitais – não palpáveis e fluídos.

Para Roger Chartier (2010), o ingresso da História na era digital provocou mudanças nos discursos históricos. “A textualidade eletrônica de fato transforma a maneira de organizar as argumentações, históricas ou não, e os critérios que podem mobilizar um leitor para aceitá-las ou não” (p.59). O advento da era digital provocou uma ampliação dos poderes dos leitores. Agora, eles podem ter acesso as fontes, as citações e as referências citadas em determinado livro ou artigo. Basta digitar o nome de algum livro em um site de buscas, a exemplo do google, que encontrará resenhas, resumos e até mesmo o livro completo em PDF, facilitando assim a conferência das informações. “Assim, se estabelece uma relação nova, mais comprometida com os vestígios do passado e, possivelmente, mais crítica com respeito a interpretação do historiador” (p 61).

Chartier nos apresenta os benefícios da Era digital para a pesquisa e para a escrita da história. Mas, de que maneira podemos utilizar os produtos das mídias digitais para o ensino de história? Essa é a pergunta que norteia nossos estudos neste artigo.

curiosa, aonde o sotaque aparece, é o comportamento de algumas pessoas mais velhas que, mesmo ensinada várias vezes, olha para o parente mais novo e diz: “imprime para mim”.



2. Os menes como objeto de ensino e aprendizagem

A página de Facebook *História no Paint* vem chamando a atenção dos usuários dessa rede social, no ano de 2017. Seu nome é fruto de uma junção entre a disciplina História e a ferramenta digital Paint - software utilizado para a criação de desenhos simples e também para a edição de imagens. Ela conta com mais de 388 mil curtidas, com alcance mensal de 3,52 milhões de pessoas².

O material produzido e compartilhado pela página envolve os mais variados assuntos históricos – invasão do Brasil, Primeira Guerra Mundial, Segunda Guerra Mundial, Era Vargas, Revolução Russa, entre outros –, atingindo um público bastante amplo e provocando uma discussão do conhecimento histórico para além dos muros escolares e acadêmicos. Seus produtos são, em maioria absoluta, menes. Mas o que seria isso?

Mene é a mistura de imagens de personagens conhecidos, ou não, com frases engraçadas. É um humor bastante crítico, inteligente e que leva o consumidor a pensar sobre seus significados. Para compreender este tipo de produção artística é preciso conhecer o contexto histórico por trás de sua produção, identificando o posicionamento político, social e cultural de seu criador. Analisemos o exemplo a seguir:

Figura 1 - Temer e o movimento do Impeachment



Fonte: Blog Celso Branico³.

² Informação cedida pelo dono da página, Leandro Marin Santos, por meio de entrevista feita pelo Facebook.

³ Disponível em: <<http://celsorodrigobranico.blogspot.com.br/2016/04/audio-de-temer-vaza-e-internet-nao.html>> Acesso em ago. 2017.



A figura 1 apresenta uma crítica direcionada ao então (2016) vice-presidente do Brasil Michel Temer, ridicularizando o fato que, mesmo antes da saída da presidente Dilma, ele já estava elaborando um “pronunciamento à nação”, considerando-se o novo presidente do Brasil. Esse pronunciamento vazou pelas redes sociais e os internautas não perdoaram. A frase “em Breve no Brasil a Usurpadora” faz referência à novela mexicana A Usurpadora (1998), bastante famosa no Brasil e televisionada diversas vezes pelo SBT (Sistema Brasileiro de Televisão), cujo enredo mostrava uma mulher que usurpava a vida de sua irmã gêmea. O batom vermelho, incluso através de edição via software, é outra marca da personagem Paula Bracho (irmã considerada má), interpretada por Gabriela Spanic, atribuída a figura de Temer. Essa atribuição de personagens foi feita, propositalmente, para que o consumidor identificasse o então vice-presidente enquanto um usurpador. Desse modo, podemos perceber que esse tipo de produção artística tem, através do humor, uma forte crítica social e política.

O uso desse tipo de material pode contribuir para um ensino de história mais dinâmico e interativo com os alunos, por estes estarem acostumados com esse tipo de linguagem. De acordo com Silva (2012):

Vivemos numa Cibercultura, ou seja, essa cultura contemporânea fortemente marcada pelas tecnologias digitais. Nesse ambiente no qual as sociedades estão cada vez mais interconectadas por redes digitais, já não é possível pensar o processo educacional sem o uso das chamadas tecnologias da informação e comunicação (TICs) (SILVA, 2012, p. 84-85)

Ao trabalhar determinado mene em sala de aula, o professor pode provocar a curiosidade de seus alunos. Estes por sua vez, começarão a seguir páginas ao estilo de História no Paint, recebendo diariamente novas postagens de conteúdo educacional, de modo que a transmissão do conhecimento extrapole os muros da educação formal e passem a fazer parte de seus cotidianos.

A disciplina de História é, habitualmente, estereotipada como algo que só trata de coisas velhas e mortas. É duro admitir, mas existem professores que alimentam esse estereótipo em suas aulas. Qual a graça de estudar história se ela não me causa nenhum tipo de identificação? O que me motivará a estudar um conteúdo sem vida? Para que devemos estudar história? Indo mais além: para que devemos ensinar história?



3. Por uma história cuja morte tem vida

Gostaríamos de abrir esta seção utilizando um trecho de um texto, publicado por nós a alguns anos atrás, por este possuir um sentimento muito profundo daquilo que entendemos por história e pelo processo de transmissão desse saber. Observemos:

Ensinar história requer coragem, força de vontade e, mais do que tudo, humanidade. Ensinar aos jovens um olhar reflexivo, que percebe a cultura alheia não como inferior, nem como superior e fazer com que eles percebam que aquelas palavras escritas em um livro, aparentemente “chato”, possuem vida, que aqueles mortos (a grande maioria deles) não estão tão mortos assim, pois, ainda podemos escutar os gritos das namoradas e amantes ao descobrirem que o seu amado caiu morto nos campos de batalha da Primeira Grande Guerra, ainda podemos ver a cabeça do rei francês sendo separada de seus membros por uma população faminta e empobrecida, ainda podemos escutar o grito da moça acusada de bruxaria e queimada em uma fogueira pela Santa Inquisição, ainda podemos ver os índios rindo dos europeus em seus primeiros contatos, ainda podemos pra sentir a alegria dos trabalhadores fabris ao conseguirem seus primeiros direitos, ainda podemos sentir a surpresa e o entusiasmo das pessoas com a “chegada” do trem, ainda é possível ver as pessoas saindo correndo com medo das primeiras seções cinematográficas, ainda podemos sentir o cheiro dos homens que nós éramos ontem, ainda podemos. (RAPOSO, LIMA e ARAÚJO, 2015, p. 7-8)

Marc Bloch (2001), através de uma das mais belas metáforas da história, define aquilo que ele entende por ser o papel do historiador: "O bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está sua caça" (p.20). Ele deve ser capaz de sentir o cheiro da carne e de ensinar aos seus alunos a sentirem o cheiro de vida que transpira pelos poros dos livros empoeirados nas estantes. As vidas daqueles homens não se esgotaram com as suas mortes, elas permanecem vivas nas práticas cotidianas de seus filhos e netos.

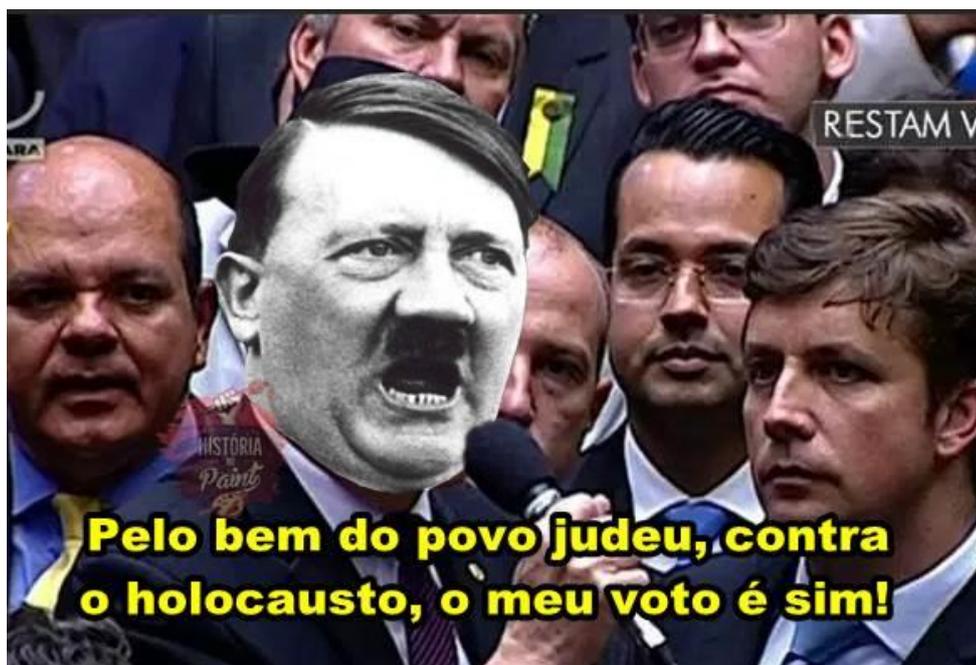
Para fazer com que nossos jovens estudantes sejam capazes de sentir esse odor é preciso que conheçamos as nuances de seu tempo. A transmissão do conhecimento histórico em diálogo com as novas tecnologias da educação pode atrair um público muito mais amplo, por se tratar de uma linguagem atualizada e dinâmica. Com isso, percebe-se a necessidade de uma constante renovação no âmbito da metodologia do ensino. Ensinar para a *cybercultural* é um desafio. Mas, o que seria da educação sem os obstáculos? Não nos imaginamos frente a uma sala passiva e silenciosa. Ansiamos pelo *caos produtivo*, apresentado por Leandro Karnal (2016), aonde o barulho não é entendido como bagunça, mas criação. Como exigir silêncio de uma juventude tão ativa? Não devemos. Devemos direcionar essas energias (infinitas?) a favor do desenvolvimento educacional e, conseqüentemente, humano.



3. O ensino e os menes históricos.

Levando em consideração tudo o que foi discutido, iniciemos uma mostra prática sobre os possíveis usos dos menes nas aulas de história. Para tanto, faremos uso de alguns menes publicados entre 2016 e 2017 pela página de facebook História no Paint. O recorte temporal, espacial e temático escolhido foi a ascensão nazista e a Segunda Guerra Mundial (1933-1945) na Europa. Observemos o primeiro caso:

Figura 2 - Hitler e o povo judeu



Fonte: Facebook do História no Paint⁴.

A Figura 2 possui uma dupla crítica. Ela foi produzida no dia 02 de agosto de 2017, dia da votação, na Câmara dos Deputados Federais, do parecer que pedia a cassação do presidente Michel Temer e ironiza os vários deputados que justificavam seus votos, favoráveis a permanência do presidente, como sendo um voto a favor do Brasil. Na imagem fictícia, Hitler afirma: “pelo bem do povo judeu, contra o holocausto, o meu voto é sim!”. A ironia existente na imagem fica evidente. Sabe-se que Führer alemão odiava a população judia e fazia de tudo para prejudicar sua a vida. De igual modo, os deputados brasileiros justificam suas escolhas baseando-se no bem da população, mas estes terminam por serem os mais prejudicados.

⁴ Disponível em:

<<https://www.facebook.com/Historianopaint/photos/a.483753418343348.122861.251332234918802/1550216088363737/?type=3&theater>> Acesso em ago. 2017.



O professor de História pode utilizar a imagem acima nas aulas – através de projeção – ou em avaliações sobre a Segunda Guerra Mundial, quando se referir à política excludente nazista em relação ao povo judeu. Também pode ser utilizado para problematizar uma questão política pelo qual o Brasil passa ou passou – sempre contextualizando – e fazendo com que o aluno se identifique aquele tipo de linguagem tão comum ao seu cotidiano.

Ao trabalhar a questão da Operação Barbarossa e a consequente derrota nazista, pode-se utilizar o meme a seguir:

Figura 3 - O exército nazista e o inverno russo



Fonte: Facebook do História no Paint⁵.

O autor da imagem acima utilizou a propaganda televisiva do Danoninho Ice, amplamente conhecida, para transmitir uma informação de cunho histórico. Na propaganda

⁵ Disponível em:

<<https://www.facebook.com/Historianopaint/photos/a.483753418343348.122861.251332234918802/1546569762061703/?type=3&theater>> Acesso em ago. 2017.



original, a criança pega o “Danoninho”, insere uma palheta e o coloca no congelador, obtendo como resultado o surgimento de um “sorvetinho”. O mascote do produto original é um dinossauro. Na adaptação, esse mascote é transformado na figura de Joseph Stalin – líder soviético entre 1922 e 1953 –, o “Danoninho” é associado aos soldados nazistas e o freezer é substituído pelo inverno russo.

Como se sabe, o inverso russo foi um dos elementos que contribuíram para o fracasso do avanço nazista na frente oriental. Ao utilizar uma figura semelhante a apresentada acima, o professor consegue chamar a atenção de seus alunos. O riso se apresentará primeiro, seguido da curiosidade e da aprendizagem.

A imagem a seguir faz uso do humor para tratar de um tema sério: a perseguição aos judeus. Mas, não se trata de um humor desumano ou desrespeitoso, muito pelo contrário, é através deste que o autor chama a atenção para um dos maiores crimes cometidos pela humanidade.

Figura 4 - A perseguição aos judeus

Quando você é judeu na Alemanha e vê que Hitler está chegando ao poder



Fonte: Facebook do História no Paint⁶.

⁶ Disponível em:

<<https://www.facebook.com/Historianopaint/photos/a.483753418343348.122861.251332234918802/1484607561591257/?type=3&theater>> Acesso em ago. 2017



Se valendo de um trecho da animação do desenho do “Pica Pau”, o autor apresenta o medo sentido pelas populações judias no momento da ascensão de Hitler ao poder na Alemanha (1933). Tal mene pode ser utilizado durante a aula ou até mesmo em uma prova, tornando a aprendizagem muito mais dinâmica e divertida.

Outra possibilidade de trabalho é a da Oficina de Menes, momento em que os alunos, após uma discussão sobre o conhecimento histórico, produziram seus próprios menes históricos, criando⁷ diálogos e postagens (fictícias) em redes sociais, explorando assim a criatividade e a capacidade de assimilação e adaptação do conhecimento.

Conclusão

Através do caminho percorrido aqui, notamos a existência de mudanças significativas nos hábitos sociais e, conseqüentemente, educacionais provocados pelo advento das tecnologias. Não faz sentido ensinar aos jovens do século XXI utilizando práticas do século XX. Se o conhecimento se renova a cada dia que passa, por que a forma de transmissão dele ficaria inerte? O professor é um eterno aluno que ensina ao mesmo tempo que aprende. Os menes se apresentam enquanto uma possível ferramenta para dinamizar a transmissão do conhecimento, atraindo a atenção e a participação dos discentes.

Qual aula de história conseguiria transmitir a vida daqueles agentes citados (ou não) pelos livros que estão sob as mãos de nossos discentes? Seria uma aula aonde se exige uma total atenção do aluno, desvalorizando o seu conhecimento cotidiano e onde o riso é considerado uma transgressão? Ou seria aquela que valoriza as novas linguagens e a participação ativa e criativa do aluno? Será que precisamos mesmo responder?

Percebe-se que a utilização deste tipo de material digital pode contribuir para uma melhoria do processo de ensino e aprendizagem. “As imagens e a leitura delas podem nos levar e nos auxiliar na tarefa de melhor compreender nossa história, nosso comportamento, nossas maneiras de pensar e de agir, enfim, nossas próprias vidas” (SILVA, 2012, p.64). O simples uso de um mene por aula pode provocar a curiosidade e a atenção dos jovens, que irão esperar com ansiedade a “piada do dia”. Mas quem disse que essa “piada” não pode ser

⁷ Pode ser feito pelo smartphone, computador ou manualmente através de desenhos e recortes. Mas como essa atividade funcionaria? Após uma discussão sobre o Pacto Ribentrop-Molotov, a termo de exemplo, o professor pediu para que seus alunos produzissem menes sobre tal acontecimento. Um dos alunos produziu uma conversa fictícia via Whatsapp entre Hitler e Stalin, aonde ambos decidiam não se agredir.



inteligente e carregada de conhecimento? Para ensinar na Cybercultura é preciso fazer parte dela e utilizar aquilo que ela oferece.

Referências Bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. On-line, off-line. In: **44 cartas do mundo líquido moderno**. [Tradução de Vera Pereira]. – Rio de Janeiro: Zahar, 2011, p. 22-25.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

CHARTIER, Roger. A história na era digital. In: **A história ou a leitura do tempo**. [Tradução de Cristina Antunes].- 2. Ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, p. 59-63.

KARNAL, Leandro. **Conversas com um jovem professor**. - 1. ed., 3ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2016

PRENSKY, Marc. **Digital Natives, Digital Immigrants**. 2001. Disponível em <<http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>> Acesso em 01 ago. 2017.

_____. **Não me atrapalhe, mãe – Eu estou aprendendo!** Como os videogames estão preparando nossos filhos para o sucesso do século XXI – e como você pode ajudar! São Paulo: Phorte editora, 2010.

RAPOSO, Thiago Acácio; ARAÚJO, Rafael Nóbrega; LIMA, José Evanilson de Freitas. **Profissão Professor: um desafio diário**. In: II Congresso Nacional de Educação, 2015, Campina Grande. Anais II CONEDU - (2015). Campina Grande: Realize, 2015. v. 2.

SILVA, Marco Antônio. **Nas trilhas do ensino de história: teoria e prática**. Belo Horizonte: Rona, 2012.